

AS GALERIAS DE PELOTAS NA COMPOSIÇÃO DO CENTRO: A CARTOGRAFIA NO ESTUDO DE LUGARES PÚBLICO-PRIVADOS

PAULA PEDREIRA DEL FIOLE¹; EDUARDO ROCHA²

1 Universidade Federal de Pelotas – delfiolpaula@gmail.com

2 Universidade Federal de Pelotas – amigodudu@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

As galerias comerciais são lugares¹ de compra e lazer no centro da cidade. Quando unidas ao sistema de via pública se alternam entre rua pública de uso público e rua privada de uso público. E com essa pesquisa, se busca o rompimento entre rua pública e privada, através da cartografia urbana, que segundo PASSOS, et. al. (2009) faz o agenciamento entre dualidades como sujeito e objeto, teoria e prática. De modo a criar discussões sobre a cidade contemporânea e também sobre os corpos que a habitam.

JULIO ARROYO (2007), explica a consolidação do lugar público como de ninguém, para uso de todos. Assim, criando uma territorialidade instantânea a partir de identificação dos indivíduos. Por isso, a dificuldade em chamar o lugar de uso coletivo de público ou privado.

O lugar público é político, segundo HABERMAS (1981), funcionando assim como crítica à contemporaneidade. Segundo GORELIK (2008), se perde o sentido de chamá-lo de público quando a terra é pertencente ao setor privado. Deste modo, pode-se entender que o público e o privado estão associados a lugares de uso coletivo dentro da sociedade contemporânea.

E, então, uma pergunta a se fazer é se existe a fronteira entre o público e privado? Se houver, poderia ser essa fronteira um entre-lugar? Segundo GUATELLI (2012), Um lugar ainda desprovido de significados, que não foi constituído. Entretanto, ele é sempre capaz de novas impressões, ou, ainda, de retomar a um estágio anterior, estaria ele, assim, sempre se reconstruindo e reconstituindo.

2. METODOLOGIA

Nas galerias a efemeridade de momentos está presente, sendo elas lugares de passagem, na maior parte do tempo. Porém, o lazer também existe, por isso se vê a necessidade de viver o trajeto, como meio de entender, em forma de cartografia, as diversas dinâmicas que acontecem no local. Com isso, é associado o método da cartografia urbana, assim, buscando entender a relação entre as galerias e a cidade, contextualizando-as na contemporaneidade², para que sejam entendidas como objetos de estudo de um recorte temporal, do aqui e agora.

É necessário que o pesquisador cartógrafo caminhe para entender o caminho, e por isso quando exposto ao limite, não percebe o interior ou o exterior. O conhecimento se expande e se dissolve em planos coletivos, assim sendo o cartógrafo pode experimentar a cidade sem estar amarrado a um ponto de vista. Para isso, é

¹ É onde múltiplas dimensões se entrecruzam de modo a estabelecer inter-relações entre conteúdos multidisciplinares (CASTELLO, 2005).

² Para Agamben (2012), o contemporâneo é aquele tempo que vem após algo, é a libertação do antigo em relação ao novo.

necessário ver o ponto de vista do observador, sem anular a observação (PASSOS, E.; et. al., 2009).

Desta forma, a metodologia da pesquisa é ancorada na cartografia urbana. Em primeiro momento, se faz necessária a revisão de bibliografia, depois as caminhadas pelas galerias comerciais, utilizando cadernos de campo de modo a captar de que forma o lugar se configura a partir da prática estética, de CARERI (2013), e como produção e contraprodução, de JACQUES (2012). Por isso, se traz como método de subversão, se desenvolvendo a partir da prática como o corpo pode explorar lugares, e assim a cidade se torna palco de corpos resistentes, através da caminhada, onde o sujeito é capturado e se torna parte desse sistema de espaços públicos (BANDEIRA; KNEIB, 2016).

A cidade possui 13 galerias comerciais no bairro centro, porém não serão todas analisadas. Se entende a necessidade de destacar apenas as que possuem dois acessos, e ainda, galerias que possuam no máximo uma quadra de distância entre si, para que seja possível analisar o trajeto como passagem, como mostra a Figura 1. Assim sendo, as galerias analisadas a partir do que foi dito são: Galeria Firenze, datada de 1995, Galeria Zabaleta, datada de 1972, Galeria Malcon, datada de 1984, Galeria Sate Alam, datada de 1975, Galeria Central, datada de 1972.

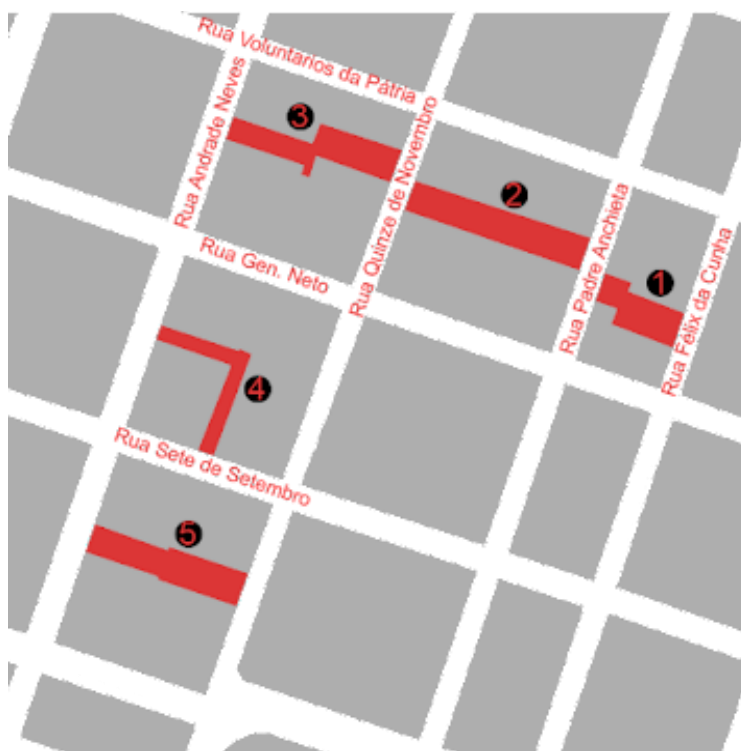


Figura 1: Mapa Galerias comerciais. (1 Galeria Firenze; 2 Galeria Zabaleta; 3 Galeria Malcon; 4 Galeria Sate Alam; 5 Galeria Central) Fonte: Autora, 2021.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A apropriação da cidade, se faz através de seu uso. O corpo quando permeia o lugar de caráter privado, e aqui se entende como privado quando o solo não é de pertencimento do poder público, traz a cisão desse lugar. Sendo o próprio corpo a subversão de lugares por onde passa, conferindo a apropriação pelo uso que lhe é ou não estipulado (CARLOS, 2014).

Baseando-se nessas conceituações é possível entender que o lugar urbano público e privado aqui estudado, é de uso coletivo, independente do dono da terra, o

que se leva em consideração é como a sociedade se apropria desses lugares. Busca-se o entendimento de como o corpo se desmembra, e subverte o lugar das galerias comerciais no centro de Pelotas/RS. A pesquisa se dá na cidade pela quantidade de galerias existentes na cidade, e ainda pelas conexões existentes entre elas.

A partir da pesquisa, o método da cartografia urbana propõe mapear um processo enquanto ele ocorre, buscando através de sensações e experimentações, em um território. Propondo assim um mapa final, um mapa não hegemônico, e por isso o método é subversivo, quando ela rompe com um sistema de hegemonia e busca outras alternativas para uma cidade que está fracionada. Através da apropriação dos lugares urbanos coletivos de dá a transmissão dessa experiência vivida.

4. CONCLUSÕES

A pesquisa se encontra, ainda, em nível inicial em busca de uma associação entre conceitos da arquitetura, da filosofia, do urbanismo e da geografia. Para que seja possível a compreensão das dinâmicas sociais que ocorrem nas galerias de Pelotas, a partir da experiência.

Procura-se contribuir com uma discussão teórica crítica sobre os espaços tratados, a partir da filosofia da diferença. Para que seja possível novas análises da cidade contemporânea, através da metodologia da cartografia urbana. Com isso percebe-se a importância de territórios mutáveis, que possam ser reconfigurados a partir dos corpos que o habitam. E para isso, o corpo se encontra em ruptura com o tecido urbano hegemônico, enquanto caminha por lugares de passagem na cidade. Enquanto corpo que constitui identidade, e se apropria de lugares que precisam de uma ruptura, criando diferentes modos de subversão para esses lugares.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, G. **O que é Contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

ARROYO, J. Bordas e o Espaço público, fronteiras internas na cidade contemporânea. **Vitruvius**, n. 081.02. 07 fev. 2007. São Paulo: Vitruvius, 2007. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.081/269>> Acesso em: 15 de Jan. 2021.

CARERI, F. **Walkscapes, o caminhar como prática estética**. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

CARLOS, A. F. A. **O poder do corpo no espaço público: o urbano como privação e o direito à cidade**. GEOUSP – Espaço e Tempo São Paulo v. 18 n. 2 p. 472-486, 2014.

BANDEIRA, Â. C.; KNEIB, É. C. Entre o sujeito e a cidade: reflexões sobre a experiência do corpo em movimento. **Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**, Campinas, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 46–59, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8642599>. Acesso em: 16 maio. 2021.

GORELIK, A. O romance do espaço público. in: **Rev. Arte & Ensaios**, no 17. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2008.

GUATELLI, I. **Arquitetura dos Entre-Lugares, sobre a importância do trabalho conceitual**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2012.

HABERMAS, J. **Historia e crítica de la opinión pública. La transformación estructural de la vida pública**. Barcelona: Gustavo Gili, 1981.

JACQUES, P. B. **Elogio aos Errantes**. Salvador: Editora UFBA, 2012.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e Produção de Subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.